

JAPÃO Ricardo Shiota, da Esalq, estava terminando trabalho em Tóquio na sexta-feira, quando a terra tremeu

Professor testemunha terremoto

O professor Ricardo Shiota, 50, reassumiu ontem suas funções no Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) depois de uma experiência que nunca irá esquecer. Ele estava em Tóquio, capital do Japão, na sexta-feira passada, quando aconteceu o terremoto que atingiu 8.9 na escala Richter e gerou tsunami. Shiota conta que não pensou em morrer, até porque o epicentro estava distante, mas revela que sempre pensou em como seria sentir um tremor de terra. “Confesso que queria experimentar um terremoto. Lamentavelmente, veio muito maior do que a ‘encomenda’. Fico particularmente sentido pela enormidade das perdas humanas e materiais”, lembra.

Quando tudo começou, Shiota tinha acabado seu compromisso profissional na Tokyo University of Agriculture, e foi convidado para uma visita a um museu. “Estava no caminho entre o museu e uma estação de trem. De repente, percebi o



Shiota: ‘Apesar do susto, foi mais interessante do que amedrontador’

chão se movendo e um casal de amigos japoneses que estava comigo falou para irmos ao meio da rua, a fim de evitar as eventuais quedas de objetos dos prédios”, conta. O tremor, diz Shiota, foi muito forte e abalou tudo em volta, mas não houve danos materiais significativos. “Apesar do susto, confesso que foi mais interessante do que amedrontador. Eu ainda não tinha vis-

to as imagens do tsunami.”

Shiota revela que ficou impressionado com a reação do povo japonês. “Não observei nenhum sinal de pânico. Claro, as pessoas pareciam apreensivas e tensas. Mas estavam todas sob controle, sem correria, nem empurra-empurra, muito organizadas. Tampouco houve qualquer tentativa de saque ou vandalismo. Essa é uma importante lição para os demais povos do mundo”, declara. Para chegar ao hotel, Shiota e o casal de amigos devem ter caminhado aproximadamente quatro horas, num percurso aproximado de 15 km. “É porque o sistema de trem e de metrô parou. As ruas ficaram completamente congestionadas. As calçadas estavam lotadas de pes-

soas retornando a pé para casa. Foram vários tremores, alguns bens fortes, inclusive depois de chegar ao hotel”, afirma.

O professor conta que em nenhum momento pensou em morrer, mas se sentiu “nas mãos de Deus” durante várias horas. “Existe uma sensação de impotência, porque não há nada que se possa fazer senão esperar o tremor passar, abrigado em algum lugar seguro. Obviamente, o pensamento vai para a família e os amigos. Fiquei preocupado em avisar que estava bem. Os celulares não funcionavam e todo telefone público tinha uma fila. Mas a internet funcionava. O meu amigo japonês enviou uma mensagem ao Brasil, avisando que estávamos bem.”

Problema maior foi conseguir embarcar para o Brasil na manhã de sábado. É que a linha de ônibus entre Tóquio e o aeroporto de Narita não estava funcionando, e os trens e metros só serviam alguns trechos. Pegar táxi, segundo Shiota, era impossível. “Como precisava retornar ao Brasil para dar aula na Esalq no começo da semana, fui pegando vários trens em direção ao aeroporto, nos trechos que funcionavam. Apesar de atrasado consegui, finalmente, chegar ao aeroporto depois de umas cinco horas. Para minha ‘sorte’, o avião também estava atrasado, de modo que consegui embarcar”, conclui. **(Ronaldo Victoria)**